



Línguas românicas e dinossauros: uma revolução na ciência.

De 13 a 16 de maio de 2025 realizou-se a conferência **Pala-dino** em San Millán de la Cogolla, berço da língua espanhola, para reivindicar o papel das línguas românicas na investigação sobre os fósseis de dinossauros. Pala-dino é uma expressão da nossa rejeição da tendência generalizada em menosprezar as formas plurais de expressão, neste caso as línguas românicas, na investigação paleontológica sobre os dinossauros. Acreditamos que é aconselhável ter um idioma comum, no qual todos possam se comunicar, mas defendemos as nossas línguas nativas e a possibilidade de continuarem a ser veículos de expressão em qualquer campo, não só social, mas também científico.

As línguas românicas são um canal de expressão cuja validade é demonstrada pela quantidade, qualidade e pela longa tradição de investigação publicada. Os investigadores reunidos nesta conferência apoiam seu uso para evitar que se perca este patrimônio cultural. As línguas românicas não são monolíticas, pelo que servem para expressar com maior precisão conceitos e situações que são difíceis, senão impossíveis, num só idioma. Todos os idiomas têm dificuldade em expressar nuances, pelo que as imprecisões são acentuadas.

Os conferencistas apoiam e defendem as línguas românicas como um canal válido e interessante para a ciência, pois cada investigador tem acesso à forma mais correta e concreta de expressão em seu próprio idioma. Os participantes do congresso reconhecem a importância da sua literatura científica, tanto passada como presente, e manifestam a sua preocupação com o desaparecimento gradual dos meios de expressão dos estudos científicos em línguas românicas ou latinas.

Atualmente, o critério estabelecido para avaliar a investigação e os investigadores é o fator de impacto, medido principalmente pelas publicações em língua inglesa. Este idioma é muito útil como meio universal de comunicação, porém elimina a concretude e expressividade de cada uma das línguas românicas. Modificam-se as afirmações a favor das negações, se muda o sentido das palavras permitindo a entrada perniciosamente de falsas interpretações. As traduções para inglês de escritos românicos enfrentam este problema, e vice-versa. Dada a variabilidade das expressões em qualquer idioma, o significado e a sintaxe mudam de tal forma que as acepções das palavras são alteradas, assim como o significado das frases. Indefectivamente isto conduz à perversão das próprias línguas maternas em favor da suposta língua científica oficial.

Hoje, a investigação em línguas românicas não é considerada na sua plenitude. Os séculos de investigação nos quais se utilizaram estes idiomas indicam que são válidos em qualquer campo de estudo. Entendemos que é desejável um idioma que sirva de comunicação global, mas defendemos a pluralidade, neste caso não como patrimônio, mas como benefício pelos seus contributos.

Há revistas tradicionais excelentes que param de publicar ou mudam de propriedade, título e idioma levando ao afastamento dos pesquisadores com a posterior alienação desta herança. O resultado da investigação, que geralmente é pago pelo dinheiro público e, portanto, de acesso gratuito, torna-se objeto do mercado de uma maneira paga por sua publicação ou por seu consumo, ou por ambos.

Os signatários deste documento, com base em nossa convenção consideram que:

- um idioma de uso científico universal é recomendável;
- a difusão do conhecimento deve ser a mais ampla possível;

- o investigador tem de ser consciente, respeitar e valorizar as referências bibliográficas prévias sobre o tema do seu trabalho em qualquer idioma;
- não se podem considerar estritamente válidos, como critério de qualidade, os índices bibliométricos de impacto, pois um algoritmo é incapaz de discernir.

É também nossa intenção que através desta proposta germine e se recupere a pluralidade num campo que nos é muito querido: a expressão dos nossos trabalhos em línguas romances com tradição científica e com matizes distintos.